

Ferreira Gullar. *Cultura posta em questão*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; *Cultura posta em questão, Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

Consta que *Cultura posta em questão*, escrito por Ferreira Gullar, segundo presidente do CPC da UNE, teria sido publicado pela Editora Universitária da UNE e destruído no incêndio criminoso de sua sede, em 1º de abril de 1964. Em seguida, foi publicado pela Editora Civilização Brasileira e recentemente republicado pela José Olympio.

O próprio Ferreira Gullar, no prefácio da edição atual, apresenta e justifica o livro: “Escrito durante a militância no CPC da UNE e publicado às vésperas do golpe militar de 64, *Cultura posta em questão* expressava, de um lado, a ruptura do autor com a vanguarda e, de outro, a necessidade de justificar teoricamente a utilização da arte na luta ideológica. Trata-se, portanto, de um livro *engagé*, proselitista, cuja principal qualidade não é a análise fria e equidistante. Pelo contrário, em defesa de suas teses, o autor às vezes simplificou demasiado algumas questões importantes, tanto no plano estético como no político ou social. Defendeu a autonomia cultural, sem no entanto se deixar levar pelo mito do nacionalismo, detectou a ação do poder econômico sobre certas manifestações artísticas do país, como por exemplo o cinema, afirmou que a defesa da autonomia devia se apoiar fundamentalmente numa crítica, fundada na experiência própria. Compreendeu que seria impossível isolar-se num mundo caracterizado pela internacionalização mas entendeu também que a arte autêntica é o reflexo do vivido, donde a necessidade de distinguir-se, na relação com a obra de arte, o fruir do fazer. Esse livro deve ser visto hoje sobretudo como o testemunho de uma geração que fez do Brasil real tema da arte e, com isso, influenciou sobre teatrólogos, poetas, ficcionistas, compositores e cineastas.” (p. 9)

Nessa perspectiva, contrapõe-se à *Questão da cultura popular*, de Carlos Estevam, defendendo a importância de fazer a arte, mesmo a arte popular, pela arte, e a cultura, mesmo a cultura popular, pela cultura, engajadas sim, mas não estreitamente subordinadas a matrizes ideológicas e a objetivos políticos que viessem a comprometer seu valor.

Destaca-se no livro o capítulo “Cultura popular” (p. 21-27) e recomenda-se sua leitura para entender de uma perspectiva ampla as discussões provocadas, no período, pelos movimentos de cultura e educação popular e as expressões de arte e cultura dos anos imediatamente posteriores: cinema novo, novo teatro, formas novas na poesia, na literatura, na música etc.